



Literatura como Cuidado: Psicologia, Memória e Práticas Decoloniais

Wesley Henrique Alves da Rocha¹

Resumo: Este artigo examina as inter-relações entre Psicologia e Literatura, ressaltando o modo como ambas as áreas convergem na abordagem de aspectos essenciais da experiência humana. A Psicologia oferece ferramentas teóricas e metodológicas para a compreensão dos processos emocionais de escritores(as) e personagens literários, o que enriquece a análise textual e possibilita uma interpretação mais profunda e complexa. Em contrapartida, a Literatura constitui-se como um meio de expressão e reflexão sobre dilemas psicológicos, culturais e sociais, proporcionando insights valiosos sobre o inconsciente e a subjetividade de escritores(as) e leitores(as). Assim, abordamos as conexões históricas entre as duas disciplinas, destacando o potencial da Literatura como recurso psicoterapêutico decolonial e a relevância dessa perspectiva para o desenvolvimento de uma ciência psicológica comprometida com a promoção da saúde mental e a construção de um saber crítico.

Palavras-Chave: Psicologia; Literatura; Psicoterapia; Decolonialidade.

Literature as Care: Psychology, Memory, and Decolonial Practices

Abstract: This article examines the interrelationships between psychology and literature, highlighting how both areas converge in the approach to essential aspects of human experience. Psychology offers theoretical and methodological tools for understanding the emotional processes of writers and literary characters, which enriches textual analysis and allows a deeper and more complex interpretation. In contrast, literature is a means of expression and reflection on psychological, cultural and social dilemmas, providing valuable insights into the unconscious and subjectivity of writers and readers. Thus, we address the historical connections between the two disciplines, Highlighting the potential of literature as a decolonial psychotherapeutic resource and the relevance of this perspective for the development of a psychological science committed to the promotion of mental health and the construction of critical knowledge.

Keywords: Psychology; Literature; Psychotherapy; Decoloniality.

¹ Doutor em Estudos de Linguagem, área de concentração em Estudos Literários, pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem da Universidade Federal de Mato Grosso (PPGEL/UFMT). Psicólogo pela UFMT. Técnico-Administrativo em Educação na Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), Cuiabá/MT, Brasil. wesley020794@gmail.com.

A Conexão entre Psicologia e a Literatura

“O exercício da literatura é a minha maneira de não adoecer. Eu sempre penso nisso e me refiro ao adoecimento emocional. A criação do texto literário é o que me possibilita sair de mim mesma, apresentar minha discordância do mundo e é uma experiência que eu tenho desde bem nova.”
“Escrever é uma forma de sangrar a vida, e a vida é uma sangria desatada”
(Conceição Evaristo).

A epígrafe, que evoca a voz de Conceição Evaristo, explora a função da literatura como uma válvula de escape emocional e uma forma de lidar com o peso da existência. Ao afirmar que "o exercício da literatura é a minha maneira de não adoecer", a escritora sugere que a escrita é uma ferramenta essencial para manter sua saúde mental e lidar com seus sentimentos e angústias. O "adoecimento" aqui é emocional, algo que a criação literária, e o próprio consumo da literatura, ajudam a prevenir ao permitir que ela expresse e processe suas emoções.

Conceição Evaristo descreve a produção literária como uma forma de "sangrar a vida", o que indica um processo doloroso, mas necessário, em que a autora coloca para fora suas frustrações e discordâncias com o mundo. A metáfora de "a vida é uma sangria desatada" reforça a ideia de que a existência é caótica, intensa, e exige uma maneira de ser compreendida ou transformada. Para a escritora, a literatura é um modo de externalizar essa intensidade, de tornar visível a complexidade interna e de encontrar um equilíbrio entre a dor e o rompimento, ao compartilhar ou transformar essas vivências em palavras.

Dessa forma, pretendemos explorar neste artigo as possíveis relações entre Psicologia e Literatura. Para tanto, inicialmente, faremos uma sucinta contextualização do surgimento da Psicologia e suas intenções.

O estudo do psiquismo humano existe desde a antiguidade; filósofos gregos já se preocupavam em compreender, analisar e justificar os funcionamentos da psique humana. Tanto é que, até o final do século XIX, a ciência psicológica era considerada parte da Filosofia, com Descartes como principal agente das investigações do pensamento e cognição. Concomitantemente, era considerada uma ciência fisiológica, partindo da tentativa de estabelecer relações entre os aspectos do mundo material e do mental a partir de fórmulas físico-matemáticas (Schultz, 1992).

Por volta de 1877, Wundt começa um movimento de junção dessas duas visões da Psicologia, a fim de construir uma área do conhecimento independente e autônoma. Assim, ele

cria o primeiro laboratório de Psicologia Experimental. Dessa forma, a Psicologia surge em um contexto de revolução industrial e do método positivista (empirismo). Portanto, é uma ciência que, em sua gênese, carrega uma lógica positivista e de expansão econômica (Yamamoto, 1987).

A ciência psicológica surge, também, em meio ao taylorismo (ideologia que preza pela maior eficiência possível nos ambientes de trabalho em detrimento do bem estar do sujeito trabalhador). Yamamoto (1987) afirma que a necessidade do poder dominante e do capital foram as demandas iniciais que a Psicologia buscou atender. Isto é, o objetivo inicial não era o bem-estar do indivíduo, mas, sim, auxiliar na produção cada vez maior por meio de estudos de controle comportamental. “A psicologia tem, portanto, em sua gênese, a constituição da figura do cidadão, suportada pela ideologia liberal burguesa.” (Yamamoto, 1987, p. 28).

Os primeiros estudos psicológicos chegam ao Brasil por meio da área educacional. Objetivava-se a “[...] mensuração das características individuais. A classificação (mensuração e rotulação) dos indivíduos passa a se constituir em uma das principais atividades dos psicólogos desde então.” (Yamamoto, 1987, p. 23). É importante destacarmos que esses estudos psicológicos classificatórios foram criados, primeiramente, na Europa. Sendo simplesmente importados para o Brasil, ou seja, totalmente descontextualizados da realidade brasileira e, mais uma vez, o eurocentrismo atravessa fronteiras oceânicas e limita a compreensão de mundo contextualizada:

Como poderiam as ciências humanas, históricas - etnologia, economia, história, antropologia, sociologia, psicologia e outras - nascidas, cultivadas e definidas para povos e contextos socioeconômicos diferentes, prestarem útil e eficaz colaboração ao conhecimento do negro, à sua realidade existencial, aos seus problemas, aspirações e projetos? Seria a ciência social elaborada na Europa e nos Estados Unidos tão universal em sua aplicação? (Nascimento, 2009, p. 206).

Nota-se, então, que uma das primeiras intenções da Psicologia foi servir aos processos de exploração, produzindo estudos científicos que, posteriormente, poderiam (e foram) utilizados para “justificar” processos de colonização, hierarquização e marginalização de pessoas negras, pobres, indígenas, LGBTQIA+, pessoas com transtornos mentais, enfim, grupos sociais minorizados em geral. Dessa maneira, assim como a literatura, a ciência psicológica também serviu de instrumento de validação e supervalorização da classe dominante.

Em 1962, no Brasil, a Psicologia é regulamentada como profissão (Lei nº 4.119/62). Desde então, apesar do início desastroso dessa área do conhecimento, surgiram diferentes formas de pensar o indivíduo e olhares críticos e decoloniais para a área já são produzidos. Ansara (2012, p. 310) destaca que construir uma Psicologia decolonial significa “ênfatizar outras maneiras de contar a história, outras formas de organização da vida e dos saberes, bem como a produção de novas subjetividades que não carreguem a herança dos padrões coloniais de poder que seguem vigentes na sociedade.”

Deste modo, é inegável que a Psicologia, apesar de sua gênese, vem articulando novos debates para que a visão de sujeito e de prática psicológica se posicionem fora do discurso hegemônico. Em *Descolonizando a psicologia: notas para uma Psicologia Preta* (2019), o psicólogo Lucas Motta Veiga afirma que,

[...] como psicólogo, me interessa sobremaneira a descolonização do inconsciente. Nosso inconsciente é colonial. O sucesso da colonização se baseia na capacidade não apenas de colonizar territórios geográficos, mas na capacidade também de colonizar territórios existenciais, o inconsciente. Racismo, machismo, lgbtphobia são produtos da máquina colonial de produção de subjetividade, produtos que operam um corte na realidade e que dividem o mundo num arranjo que compõe quem exerce violência e quem a sofre. Opressão do branco sobre o negro, do homem sobre a mulher, do cis sobre a/o trans, do hétero sobre o homossexual. Este mundo tal como o conhecemos se funda na violência (Veiga, 2019, p. 244, grifo nosso).

Assim como na literatura, as marcas coloniais da Psicologia também foram/são questionadas e novos caminhos foram/estão sendo traçados. Caminho este já proposto por Fanon que, inclusive, era psiquiatra:

Deixemos essa Europa que não cessa de falar do homem enquanto o massacra por toda a parte onde o encontra, em todas as esquinas de suas próprias ruas, em todas as esquinas do mundo. Há séculos que a Europa impede o avanço dos outros homens e os submete a seus desígnios e à sua glória [...]. A Europa assumiu a direção do mundo com ardor, cinismo e violência. [...] sabemos hoje com que sofrimentos a humanidade pagou cada uma das vitórias de seu espírito (Fanon, 1961, p. 271-272).

Em concordância com Fanon, Mbembe (2014, p. 20) reitera que é necessário “[...] voltar as costas a essa Europa [...]”. Césaire (1978, p. 14) afirma que “[...] a Europa, moralmente, espiritualmente, é indefensável.” Nessa mesma linha de pensamento, Veiga (2019) advoga que

para o exercício contemporâneo da psicologia no Brasil é crucial a sua descolonização e, para isso, é fundamental tomar consciência de que a ciência psicológica foi criada em sua gênese para servir a branquitude dominante. Assim, é preciso voltar as costas para os moldes epistêmicos eurocêntricos que a Psicologia se baseou, no sentido de construção de novas epistemologias decoloniais.

O psicólogo social Matín-Baró (2009) defende a ideia de que a Psicologia precisa de libertação, isto é, superar as explicações coloniais, individualizantes e patologizantes, focando em explicações que sirvam aos interesses dos minorizados sociais. Na mesma linha de pensamento, Guareschi destaca que,

Falar de libertação é pressupor uma superação entre o indivíduo e o social e pensar o mundo por meio das relações. É abordagem de uma superação entre teoria e prática, algo que vejo ainda muito ausente em nossas academias. E é também assumir a presença da ética, de valores, em todas as ações, mesmo acadêmicas. Há aqui, decididamente, algo novo. (Guareschi, 2009, p. 62).

Martín-Baró (2009) denominou essa posição dentro das ciências psicológicas de Psicologia da Libertação, a qual teria três tarefas essenciais: recuperação da memória histórica; desideologização do senso comum e da experiência cotidiana e a potencialização das virtudes populares. Nas palavras do teórico:

Trata-se de recuperar não somente o sentido da própria identidade, não somente o orgulho de pertencer a um povo, assim como de contar com uma tradição e uma cultura, mas, sobretudo, de resgatar aqueles aspectos que serviram ontem e que servirão hoje para a libertação. Por isso, a recuperação de uma memória histórica supõe a reconstrução de certos modelos de identificação que, ao invés de encadear e alienar os povos, lhes abrirão o horizonte para a sua liberação e realização. Desideologizar significa resgatar a experiência original dos grupos e das pessoas e devolvê-las como dado objetivo, o que lhes permitirá formalizar a consciência de sua própria realidade, verificando a validade do conhecimento adquirido (Martín-Baró, 2009, p. 194)

Nogueira (2021, p. 39) afirma que é preciso “libertar a Psicologia das garras da colonialidade e compreender por que o silêncio racista [machista, lgbtqiafóbico, elitista] é tão expressivo na produção brasileira [...]”. Isto é, fomentar conhecimentos produzidos a partir de “nós-falando-entre-nós-mesmos” (Paredes-Canilao, 2015, p. 358 apud Nogueira, 2021, p. 120) e não a partir de uma referencialidade eurocêntrica, racista e patriarcal que exclui povos

marginalizados. O *Código de Ética Profissional do Psicólogo*, publicado pelo Conselho Federal de Psicologia, em 2005, estabelece princípios para uma Psicologia comprometida e crítica:

II. O psicólogo trabalhará visando promover a saúde e a qualidade de vida das pessoas e das coletividades e contribuirá para a eliminação de quaisquer formas de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão.

III. O psicólogo atuará com responsabilidade social, analisando crítica e historicamente a realidade política, econômica, social e cultural (CFP, 2005, p. 7, grifo nosso).

Dessarte, os avanços teóricos e práticos da Psicologia são inegáveis. Considerando o seu histórico segregador, é dever histórico, ético e político da ciência psicológica se conscientizar do passado e lutar contra as marcas deixadas por ele. A resignificação da matriz teórica, isto é, a sua decolonialização, é indispensável.

De modo análogo à criação da ciência psicológica, a literatura também já foi um instrumento utilizado para reforçar a exclusão de grupos sociais marginalizados, como indígenas, negros, mulheres, pessoas LGBTQIA+ e camadas populares. Esse processo ocorreu tanto pela representação estereotipada ou limitada dessas vozes quanto pela ausência ou silenciamento dessas vozes mesmas nas narrativas dominantes.

Escritores das elites dominaram a produção literária, criando uma visão limitada da realidade brasileira e dificultando o acesso de grupos marginalizados tanto à leitura quanto à produção literária. Todavia, Escritores como Carolina Maria de Jesus, Conceição Evaristo, Djamila Ribeiro, Ferréz, Marcelino Freire e outros trouxeram à tona novas perspectivas que romperam com a exclusão, questionaram o passado literário e representaram a diversidade da sociedade brasileira. Essa mudança não apenas diversificou a literatura nacional, mas também desafiou a canção prevista e abriu espaço para que a literatura brasileira fosse um reflexo mais fiel das complexas camadas sociais do país.

A Psicologia e a Literatura podem caminhar juntas no objetivo de desconstrução do eurocentrismo. São duas áreas do conhecimento que tiveram passados coloniais e que estão caminhando em direção a epistemologias críticas e decoloniais. Grosfoguel (2008) destaca a necessidade de transcender a epistemologia e o cânone ocidentais (marcados por paradigmas patriarcais, capitalistas, racistas e coloniais), da mesma forma, transcender os limites estabelecidos pelas disciplinas, num devir interdisciplinar, é uma das possibilidades de (re)construção e (re)leitura do conhecimento e da história. Conforme discutiremos agora, a

relação entre Psicologia e Literatura é antiga e tem sido alicerce de conceitos, práticas e discursos.

A relação entre as duas áreas do saber é interdisciplinar, isto é, a proximidade entre as duas disciplinas pressupõe ultrapassar os princípios discursivos de cada uma. Temos, então, o que é chamado de Psicologia da Literatura, com postulações estabelecidas, principalmente, por Wellek e Warren (2003); e de Psicologia na Literatura, postulada principalmente por Leite (2003).

Para Wellek e Warren (2003, p. 94), o termo psicologia da literatura designa “o estudo psicológico do escritor, como tipo e como indivíduo, o estudo do processo criativo, o estudo dos tipos e leis psicológicas presentes em obras literárias ou [...] os efeitos da literatura sobre seus leitores”. Assim, para esses estudiosos, a psicologia da literatura se empenha em estudar o escritor (como indivíduo e tipo), por conseguinte, o processo de criação e recepção da obra literária.

A Psicanálise, postulada por Sigmund Freud, é uma das principais teorias psicológicas utilizadas para o estudo psicológico do escritor. Freud descreve o artista da seguinte forma:

O artista é originalmente um homem que se afasta da realidade por não poder aceitar a renúncia à satisfação dos instintos que ela inicialmente requer, e concede a seus desejos eróticos e ambiciosos inteira liberdade de fantasia. [...] Assim, por certo caminho, ele efetivamente se torna o herói, o rei, o criador, o favorito que deseja efetivamente ser, sem o caminho tortuoso de criar alterações reais no mundo exterior. (Freud, 1911, p. 117).

Vemos, então, que Freud constrói uma teoria da criação literária pautada na satisfação do desejo do escritor por via da fantasia. Portanto, seria a escrita uma das maneiras de o indivíduo realizar seus desejos, como o são os sonhos para a Psicanálise. Podemos dizer, então, que a partir dessa constatação freudiana, o(a) escritor(a) seria alguém que “sonha acordado e é validado socialmente. [...] ele perpetua e publica as suas fantasias” (Wellek; Warren, 2003, p. 96).

Em Freud, a literatura adquire caráter analítico, pois por meio dela, o pai da psicanálise faz importantes elucidaciones não somente a respeito da própria literatura, mas, também, a respeito do psiquismo humano. A literatura, então, teria um caráter revelador e uma inegável correspondência com a realidade humana. Tanto é que, o complexo de Édipo (um dos elementos centrais da psicanálise) é, originalmente, um discurso literário. Freud enxergou nesse discurso

a possibilidade de interpretação da psique humana (Villela, 2015). Para o psicanalista, a relação entre a psicanálise e o fazer literário era evidente: “Provavelmente bebemos na mesma fonte e trabalhamos com o mesmo objeto, embora cada um com seu próprio método. A concordância entre nossos resultados parece garantir que ambos trabalhamos corretamente.” (Freud, 1908, p. 93).

Assim, para a psicologia da literatura, o escritor e o processo criativo têm caráter revelador dos desejos conscientes e inconscientes do ser humano, sendo ambas as disciplinas (psicologia e literatura) atravessadas uma pela outra.

Em *Psicologia e literatura* (2002), Dante Moreira Leite apresenta a relação entre as duas disciplinas, considerando a literatura como uma manifestação artística que, por meio da psicologia, é passível de ser compreendida. Leite argumenta que o processo criativo da obra literária é resultado de condições internas e externas. A condição interna seria a experiência individual do(a) escritor(a), aliada aos processos cognitivos (pensamento, memória, atenção, percepção, linguagem, emoções), afetivos e sociais. Já as condições externas, seriam: época – o contexto sócio-cultural em que o(a) escritor(a) vive; condição social do artista – se pertencente a elite ou marginalizado; reação à obra literária – *feedback* do público (positivo ou negativo).

Dessa forma, a psicologia na literatura se propõe a investigar todos os processos psicológicos (internos e externos) envolvidos na construção e recepção da obra literária. Nos parece que, diferente da psicologia da literatura, que foca no(a) escritor(a) como objeto de análise, a psicologia na literatura considera o sujeito e todo o contexto histórico, político e social no qual a obra foi concebida. Para Leite (2002), o(a) leitor(a) participa da obra tanto quanto o(a) escritor(a). Sendo o(a) leitor(a) um sujeito diferente do(a) escritor(a), com personalidades e subjetividades próprias, ele(a) fará diferentes interpretações das leituras feitas. Interpretações essas que integram o processo de criação da obra, pois, ao ler, o(a) leitor(a) também cria e imagina, sendo coparticipante do processo de criação.

Outro modo de interpretar a criação literária, por meio das teorias psicológicas, é pelo viés da psicologia histórico-cultural, cujo principal expoente foi Vygotsky. Em *A psicologia da arte* (2001), o estudioso argumenta que a arte e, conseqüentemente, a literatura, seria como o social nos seres humanos. Isto é, a criação literária partiria das experiências sociais de quem escreve e de quem lê. Dessa forma, o(a) escritor(a) “retira da vida, do social, do cultural o seu material, o qual ele lapida, trabalha e transforma” (Baiocchi; Niebielski, 2009, p. 158) em literatura. Essa concepção é a que nos parece mais próxima da de Candido (2000) no que se

refere as dimensões sociais da obra literária, visto que a literatura não é literatura por ela mesma, mas pelo social. Ou seja, há a invocação do fator social que passa por um processo de interiorização, onde o(a) escritor(a) o reconstrói a partir de suas próprias experiências (sociais e psicológicas). Essa reconstrução passa a atuar como um meio de estruturação da obra e isso é o que forneceria os elementos que irão determinar seu reconhecimento enquanto literário e seu efeito sobre os leitores.

Há, ainda, a concepção de literatura enquanto instrumento de processos terapêuticos, denominada de biblioterapia. Esta forma de leitura do mundo literário é focada mais no leitor do que no(a) escritor(a) propriamente dito. Caldin (2001) define a biblioterapia como a indicação de obras literárias com o objetivo de auxiliar o sujeito a desenvolver maturidade e manutenção da saúde mental. Santos, Ramos e Sousa (2017) descrevem essa modalidade terapêutica como uma intervenção psicoterápica por meio da leitura de obras literárias, com o objetivo de estimular o leitor na resolução de seus problemas e a controlar emoções que possam estar o afetando negativamente. Dessa forma, em biblioterapia, o ser humano é visto como um ser em constante movimento e a partir da identificação com histórias lidas e/ou personagens, podem extrair maneiras de resolução de problemas internos e externos, em outras palavras, o leitor poderá encontrar na obra literária “suas forças no processo narrativo-interpretativo da atividade da leitura” (Ouaknin, 1996). Então, esse tipo de terapia irá propor práticas de leitura que irão proporcionar a interpretação dos textos, visando a identificação (ou não) do leitor.

Embora existam campos denominados psicologia da e na literatura e uma abordagem que utiliza a literatura como instrumento terapêutico, não há, nos cursos de psicologia do Brasil, um componente curricular que trate exclusivamente da literatura. O que há são projetos isolados, como o *Literapêutica*, promovido pela Universidade Federal de Roraima que visa o compartilhamento da leitura de obras literárias realizadas por psicólogos e professores universitários. Vale destacar que o primeiro contato que tive com as obras de Carolina Maria de Jesus se deu durante minha graduação em Psicologia. Trabalhamos a obra *Quarto de despejo: diário de uma favelada* na disciplina de Psicologia Social, ministrada por um dos únicos professores negros do departamento, onde abordamos questões de raça, classe e gênero.

Além disso, há diversos trabalhos publicados que abordam a relação entre psicologia e literatura. Dos quais, destacamos a tese de doutorado intitulada *Psicologia e literatura: a experiência literária na formação do psicólogo* (2015), de autoria de Felipe Stiebler Leite Villela. Neste trabalho, o pesquisador defende a importância do contato do(a) psicólogo(a) com

a literatura, bem como a possibilidade de a experiência literária oportunizar um processo terapêutico humanizado, sensível e livre de dogmas teóricos.

E, ainda, a obra *Biblioterapia: proposta de um programa de leitura para portadores de deficiência visual em bibliotecas públicas* (1996), de autoria de Marília Mesquita Guedes Pereira, sendo pioneira no Brasil sobre o tema. Na obra, a autora propõe a implantação de um programa de biblioterapia para pessoas com deficiência visual em bibliotecas públicas. Maria Helena Hess Alves, em *A aplicação da biblioterapia no processo de reintegração social* (1982), discute a aplicabilidade da abordagem psicoterapêutica nas prisões, apresentando o direito à leitura como fator de diminuição do stress advindo da privação de liberdade. Temos, ainda, a dissertação de mestrado intitulada *Biblioterapia: uma experiência com pacientes internados em clínica médica* (2000), de autoria de Eva Maria Seitz, onde a autora destaca os resultados positivos e humanizados obtidos por meio da biblioterapia com pacientes internados no Hospital Universitário da Universidade Federal de Santa Catarina.

No Brasil, a prática da biblioterapia ainda é pouco estudada e aplicada (Santos; Ramos; Sousa, 2017), resultando em poucas fontes de pesquisa brasileiras. O que indica que é necessário aprofundamento do tema no país, bem como, a difusão da prática.

Considerações Finais

Após essa breve passagem pelas teias relacionais entre psicologia e literatura, pudemos notar que ambas as disciplinas tem vínculos históricos que vão desde a interpretação do(a) escritor(a) e da obra literária até o uso da literatura como instrumento de manutenção da saúde mental no processo psicoterapêutico. No artigo *Psicoterapeutas brancos/as e clientes negros/as: sobre racismo invisível e lacuna em relações raciais na formação profissional*, as pesquisadoras Gouveia-Damasceno e Zanella (2022) apontam a “formação” como sendo um dos principais fatores que deixam uma lacuna em relação às temáticas raciais na prática profissional. Fazer da literatura um instrumento (tanto na formação, quanto na prática profissional) possível para uma abordagem psicoterapêutica pode oportunizar o preenchimento dessa lacuna.

Como exemplo desse estudo, podemos citar o artigo intitulado *Reflexo Cru* (2021), de Mel Duarte: *a literatura negra brasileira como instrumento possível para uma abordagem psicoterapêutica decolonial* (2022). No texto, foi feita uma leitura do conto poético Reflexo

Cru (2021), de Mel Duarte, a partir de uma referencialidade psicológica, visando a utilização da literatura negra brasileira como instrumento possível para uma abordagem psicoterapêutica que, preferencialmente (mas não só), atenderá pessoas negras. Pudemos perceber que, a partir do conto, é possível trabalhar questões como identidade racial, autoestima, cabelo, envelhecimento, ancestralidade, racismo estrutural, estereótipos, enfim, uma gama de temáticas que atravessam vivências e corpos negros no Brasil. Afinal, o(a) leitor(a) se torna coparticipante da obra literária na medida em que também cria e imagina, participando, assim, do processo criativo e extraíndo suas interpretações a partir de suas próprias vivências.

Apesar de haver estudos sobre a temática, ainda são poucos. Consideramos, então, que é crucial para a ciência psicológica o conhecimento acerca das obras literárias disponíveis (e as intenções de cada uma delas), a fim de promover pontes de aproximações entre as pessoas e a literatura.

Referências

ALVES, Maria Helena Hess. A aplicação da biblioterapia no processo de reintegração social. **R. bras. Bibliotecon. e Doc.**, v. 15, n.1/2 p. 54-61, jan./jun. 1982.

BAIOCCHI, A.; NIEBIELSKI, D. Psicologia e literatura: um diálogo possível. **Travessias, Cascavel**, v. 3, n. 3, 2000. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/3442>. Acesso em: 30 abr. 2022.

CALDIN, Clarice Fortkamp. A leitura como função terapêutica: biblioterapia. Enc. Bibli: **R. Eletr. Biblioteconomia**, Florianópolis, Brasil, n.12, p. 32-44, 2001. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2001v6n12p32/5200>. Acesso em: 25 abr. 2022.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Código de Ética Profissional dos Psicólogos**, Resolução n.º 10/05, 2005.

FREUD, Sigmund. **Escritores criativos e devaneio**. In: _____. Obras completas, vol. IX. Rio de Janeiro: Imago, 1972.

FREUD, Sigmund. **Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental**. In: _____. Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud (Vol. 12, pp. 273-277). Rio de Janeiro: Imago, 1911.

GOUVEIA-DAMASCENO, Marizete; ZANELLO, Valeska Maria Loyola. Psicoterapeutas brancos/as e clientes negros/as: sobre racismo invisível e lacuna em relações raciais na formação profissional. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, [S. l.], v. 14, n. 42, p. 317–342, 2022. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/1348>. Acesso em: 12 nov. 2024.

GUARESCHI, Pedrinho. **Pressupostos epistemológicos implícitos no conceito de libertação**. In: GUZZO, R. S.; LACERDA, F. *Psicologia Social para a América Latina: o resgate da psicologia da libertação*. Campinas: Editora Alínea, 2009, p. 449-64).

LEITE, Dante Moreira. **Psicologia e Literatura**. São Paulo, Editora UNESP, 2002.

MARTÍN-BARÓ, Ignacio. **Para uma Psicologia da Libertação**. In: GUZZO, R. S.; LACERDA, F. *Psicologia Social para a América Latina: o resgate da psicologia da libertação*. Campinas: Editora Alínea, 2009, p. 189-198.

OUAKNIN, Marc-Alain. **Biblioterapia**. Tradução de Nicolás Niyimi Campanário. São Paulo: Loyola, 1996.

PEREIRA, Marília Mesquita Guedes. **Biblioterapia: proposta de um programa de leitura para portadores de deficiência visual em bibliotecas públicas**. João Pessoa: Ed. Universitária, 1996.

Rocha, Wesley Henrique Alves da. Reflexo Cru (2021), de Mel Duarte: a literatura negra brasileira como instrumento possível para uma abordagem psicoterapêutica decolonial. **Revista de Letras Norte@mentos**, [S. l.], v. 15, n. 41, 2022. DOI: 10.30681/rln.v15i41.10607. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/norteamentos/article/view/10607..> Acesso em: 8 nov. 2024.

SANTOS, Andréa Pereira dos; RAMOS, Rubem Borges Teixeira; SOUSA, Thais Caroline Silva. Biblioterapia: estudo comparativo das práticas biblioterápicas brasileiras e norte- americanas. **Reciis – Rev Eletron Comun Inf Inov Saúde**, abr.-jun., 2017. Disponível em: https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/icict/19696/2/ve_SANTOS_Andr%C3%A9a%20Pereira_et_al_2017.pdf. Acesso em: 20 abr. 2022.

SEITZ, Eva Maria. Biblioterapia: uma experiência com pacientes internados em clínica médica. 2000. 79 f. **Dissertação** (Mestrado em Engenharia de Produção) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2000.

VEIGA, Lucas Motta. Descolonizando a psicologia: notas para uma Psicologia Preta. **Fractal: Revista de Psicologia [online]**, v. 31, pp. 244-248, 2019. Disponível em: https://doi.org/10.22409/1984-0292/v31i_esp/29000. Acesso em: 04 mai. 2022.

VILLELA, Felipe Stiebler Leite. *Psicologia e literatura: a experiência literária na formação do psicólogo*. Orientador: Educardo Aguirre Antúnez. **Tese de Doutorado**, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade de São Paulo, 2015.

VYGOTSKY, Lev. **A Psicologia da Arte**. São Paulo: 2001. Martins Fontes.

WELLEK, R.; WARREN, A. **Teoria da Literatura**. Tradução: Luís Carlos Borges; revisão da tradução: Silvana Vieira. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

Recebido: 28/01/2025. Aceito: 14/02/2026. Publicado: 28/02/2026.